

O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjengeres

ANO I — N. 3

RIO DE JANEIRO, 1 DE DEZEMBRO DE 1916

REDAÇÃO:
RUA DO SENADO, 215-217
Telefone C. 1.499

EXPEDIENTE

De conformidade com as bases do seu Grupo Editor, as colunas de O Cosmopolita estão francas a toda e qualquer expansão de pensamento, desde que se ajuste à lógica e à razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 de mez.

Assinaturas

Ano \$5000
Semestre 3\$000

DESCENDO DA MONTANHA

(Continuação)

— Eles têm direito a consumir até o superfluo. Desperdiçam o producto do nosso trabalho a seu bel prazer.
Para nós não ha direitos, só nos ezi-jem deveres.
Estamos condenados a trabalhar para viver, para viver trabalhamos e a tra-balhar morremos.
Disseram-nos os senhores capitalistas, por insinuação de todas as religiões, que para viver é preciso trabalhar.
Sem embargo, eles vivem a grande, no meio do luxo e do conforto sem terem necessidade de trabalhar.
E nós, trabalhando para viver, no tra-balho encontramos a morte.
Tu, apreciavel amigo e companheiro, talvez, de amanhã, abandonaste o mundo dos homens em tua infancia.
O teu genio infantil levou-te ao mais alto cumbe de uma montanha deshabitada. Só, encontraste no deserto, no en-tanto tens vivido.
Viveste no jardim selvagem da natu-reza bravia, no paraizo das feras. Não vanglorio tua sorte, mas, ó companhei-ro ! feste livre !
Desconhecos o progresso e a civiliza-ção, mas foste bafejado pelo sol vivifi-cante da liberdade.
— Era bravia a natureza ? Não im-porta ! Ainda assim envejo te... Eras o unico.
Sonhaste e sonhando um dia subite como um louco ao mais alto pico da montanha.
Em tua mente germinava o dezejo de conhecer um mais para lá desconhecido.
Do concreto ao abstrato s'ebes son-hando ás altas rejiões ediológicas do pensamento humano.
Firmas a vista no futuro e um nimbo anuncia teu ideal. No alto de uma torre vislumbra a diviza da civilização e do progresso. Deces precipitad' da mon-tanha e segues em direção à diviza gran-dioza da sociedade capitalista, ao impul-so de tuas aspirações de bem estar hu-mano. Um ideal sublime te serviu de guia luminosa em tua difficil empreza.
Porém como tinhas uma vontade sobe-rana, um ideal que te animava, como sentias uma fé inquebrantavel em tuas forças, venceste.
Sonhando chegaste ao paraizo dos homens, ao imperio da civilização, vês, enfim, realizado teu ideal.
Depois da exposição do dono e senhor de nossa vida já debes estar ao corrente das grandezas do mundo dos ricos, do paraizo dos mortos e do inferno dos trabalhadores.
Isto é, falta-te somente conheceres o inferno dos trabalhadores no seio de tantas riquezas sociais. Escutaste a apolo-gia da civilização e da riqueza, da vida feliz e do bem estar humano, feita por um dono e senhor, agora espero que es-cutes a desmascaração da mentira, a apolo-gia da morte lenta e das miserias humanas, feitas por um escravo.
Quero ser explicito em minhas pala-vras, afim de explicar-te com clarivi-dencia a escravidão e a miseria em que vive a maioria da humanidade, e espero que convenhas comigo que o paraizo que sonhaste não é este. Mas, isto não im-porta ; continua, pois sonhando, que alcançaremos num dia não longe a terra livre.
O mundo capitalista não pôde ilumi-nar mais com a sua mortica luz o bem estar da humanidade. Está em franca bancarrota, e nós, os sonhadores, temos que aproveitarmos de sua impotencia, de seu dezechilíbrio economico para de-molir com nossa critica os seus alicerces.
Uma imensa maioria da humanidade vive na mais repugnante das miserias, enquanto uma minoria insignificante des-fruta todas as regalias e prazeres da vida.

A sociedade, com a sua divização de classes e categorias, leva o trabalhador manual a uma vergonhosa desconsideração pela classe dirigente.
Os burguezes, senhores do dinheiro e das redeas do Estado, impoem sua vontade sobre numeroza maioria.
— E sendo maioria, como aceita, então, as injunções da minoria ? Si os mi-zeraveis, os famintos, os desherdados do patrimonio universal, si, enfim, o povo produtor é mais forte, é o mais numero-vo, como aceita essa miseravel condi-ção de vida ?
— Oh ! amigo, a sociedade capitalista está tão bem organizada, ou melhor, tão bem preparada para defender os seus privilegiados, que os trabalhadores, mal saem à luz da natureza são entregues ás rejiões e ao Estado, afim de educal-o de acórdio com as necessidades sociais.
A sociedade está composta de duas classes, uma mineria que vive sem tra-balhar, que governa, e a minoria que são os trabalhadores, os produtores das ri-quezas sociais, os governados.

(Continúa)

Odnmyer.

UNIÃO

Não ha união, é a palavra dita por uma imensa maioria de trabalhadores, tanto da classe de empregados em ho-teis etc., como das outras classes de ati-vidade humana.
Ora, não ha união dizem, e de fato não haverá união se continuamos todos a dizer do mesmo modo. A união para realizar um efeito não é coisa que se crie por si, como por milagre, é preciso fazel-a e os fatores dela, que são justame-nte os explorados trabalhadores, di-zendo todos em côro, não ha união, é lo-jico que a desfazem por sua propria culpa.
Pois si a união é força, essa força é preciso que naça da vontade compacta dos trabalhadores.
E' ridiculo clamarmos sempre : "não ha união", se não se começa por que- rer fazel-a !
Todas as discussões ou juizos sobre o assunto não podem determinar sinão: que a união dos trabalhadores não será um fato si os propios não a quizerem fazer.
Emvez de dizerem não ha União "di-gam" façamos a União, não admitamos impossibilidade nesta palavra, que tor-nando-se um fato tudo pôde e tudo vence.
A concepção do sentido da palavra deve animar os desherdados tendo fé na futura emancipação proletaria.
Não ha União; mas senhores, o nada pôde dar alguma coisa ? Será preciso reconhecer eternamente a falsa im-portancia que a nós mesmos arrogamos ?
Si entre nós de fato ha inépcia é por-que somos separados.
Turati no seu hino dos trabalha-dores diz: "Separados somos canhalhas; mas unidos somos potentes.
Bem: um pouco de boa vontade nos anime, e digamos: queremos unirmo-nos para ser fortes, chamando tambem ao nosso lado todos os soffredores, sem distincção de officio.
Portanto abaixo o temor de insuccesso, a União tem necessidade de, ser um fato.
Viva a União !
Viva a Federação Geral dos Tra-balhadores.
A tirannia da Capital deve ter um freio.
A. P.

Para que serve o patriotismo

No tópico aqui publicado no numero passado, escrito num estilo telegráfico, como convém a um jornal das dimensões do nosso, cremos ter ficado patenteado que o sentimento patriótico é hoje um sentimento perfeitamente decadente, e que para a sua derrocada, muito mais que a ação dos revolucionarios, tem con-tribuído ativamente a divização da socie-dade em classes privilegiadas e classes des-herdadas, classes exploradoras e classes exploradas, uma minoria ociosa vivendo do trabalho de uma maioria laborioza.
A esta eloquente dezechaldade preze-za a Patria, essa mejeira repelente, cujos in-teressados defensores, nos apresentam como ceéla matrona, modelo de virtu-des não comuns, mái extremosa, mas que em verdade não passa de uma ma-drastra sem enchanhas, que, ao passo que aos filhos do seu matrimonio cumula de carinhos, prodigaliza os mais requinta-

dos manjares e as melhores solicitudes, faz servir aos infelizes rebentos do pri-meiro matrimonio, aos enteados, os so-beijos da meza num fundo de porão...
E para que serve a Patria ?
Ah ! a patria, meus amigos, é o pó com que se doura a pilula. Precisamos defender a integridade das nossas fron-teiras, a nossa autonomia politica, man-ter a nossa hejemonia, e para isso neces-sitamos organizar um exercito e uma ar-mada eficientes etc., etc., tais são os chavões que bailam na boca dos Bilacs do jornalismo, do majisterio, do parla-mento, da literatura, de todas as céte-dras, enfim, donde pontificam ás turbas, os *gras bonets* do patriotismo.
Mas o povo, que em regra ouve ou lê, mas não raciocina, e muito menos sabe ler nas entrelinhas, não vê nesse exercito e nessa armada, de necessidade tão decantada, sinão uma razão objetiva: a *defeza da patria*. De modo que a patria não é sinão um magnifico pretexto para que se organize um forte exercito e uma grande esquadra, e assim floresça e viceje, em toda a extensão do seu profun-do mal, esse canoro que corrôe a huma-nidade, e que, de parceria com outros fa-tores de ordem economica e politica, nos arrastou à catástrofe da hora presente, o militarismo !
Entretanto o motivo subjetivo do mi-litarismo é defender os privilegios da burguezia, é a sustentação intranzijente da ordem capitalista, é a manutenção do *status quo* atual, que consagra a iniquida-de da exploração do homem pelo homem e que permite que, enquanto uns, a ma-ioria, se esgotem na faina brutal de um trabalho excessivo, privados do impres-cindivel à subsistencia; outros, a mino-ria, se enervam num ocio immoral, no meio de um luxo insensato, consumindo os dias naancia febril e torturante de conceber fantaziosos projetos de gozo...
Mas — e felizmente ! — o patriotismo decaí evidentemente.
Já na guerra atual bem poucos tem o desplante de arvorar a bandeira des-moralizada do patriotismo ; a semelhança da cruz do christianismo, ela já não tre-mula à frente das hordas fratricidas com tanta convicção; o *ex hoc signo vinces* da relijião patriótica já não é o estimulante das multidões que se pretende abater em holocausto aos interesses capitalistas.
A *defeza da civilização* é agora a ban-deira de combate que os governos arvoram em substituição à bandeira decrepita do patriotismo.
Oxalá o povo trabalhador expoliado saiba vêr nessa nova panacéia mais um sofisma com que se pretende embaixar a sua credulidade em proveito da casta parazitaria.

Espetadelas

SERVETERIA AVELAR

A exploração em marcha !

A vergonhosa desorganização em que permanecemos, o egoismo individual que predomina no seio da nossa classe a falta de fé, e a desconfiança que temos na nossa força coletiva, tem colocado o nosso inimigo comum numa situação vantajosa, levando-o a lançar mão dos meios mais iníquos e deshumanos de exploração e tirania.
Os planos de exploração tiranica que estão sendo dezechilidos pelo patro-nato seriam relativamente de mais lojica ezechução na idade média, em pleno reinado da aristocracia, do que no seculo vinte, em que—segundo dizem— ha republica livre, ha democracia social com a igualdade de direitos e deveres perante a lei.
A situação degradante em que nos encontramos, e a atitude de desmazel e apatia em que permanecemos, levan-nos à emergência vergonhosa de ir-mos, de chapêu na mão, junto ao pa-trono—pedir-lhe trabalho sem ordenado !
Não está longe o dia em que chega-remos a pedir trabalho, a oferecer os nossos braços, dispensando o salario que os nossos amigos patrões tenham a benevolencia de ceder-nos !
E' com verdadeiro pezar que nós di-zemos estas verdades, mas impõe-se-nos o dever de dizel-a muito embora isto promova a revolta contra nós.
Precisamos revoltar-nos contra tanta baixeza e humilhação !
Parece incrível que existam compa-nheiros capazes de sujeitar-se ás revol-tantes imposições do proprietario da Sorveteria Alvear.
Sem mais comentarios, vamos inserir nas colunas do nosso jornal o vexato-rio e revoltante regulamento interno dessa caza afim de cientificarmos a nossa classe do clamoroso atentado que ali se está perpetrando contra a nossa dignidade de homens livres.
E' necessario que a classe reflita

sobre o assunto de tão relevante im-portancia e tome as providencias pre-cizas, afim de evitar o avanço desses vergonhosos atentados do patronato explorador.
Escutai-nos, pois, um momento compa-nheiros:
DEVERES DOS CAIXEIROS :
1º — E' proibido, terminantemente, alimentar palestra com o freguez.
2º — Está obrigado a comprar flores todos os dias para enfeitar as mesas.
3º — Será multado si no dia estipulado de roupa branca não observar esse traje.
4º — E' proibido terminante conver-sar no meio do salão.
5º — Será multado no cazo de ser apanhado a comer um doce ou um sandwich.
6º — E' obrigado a pagar toda a louça que fôr quebrada no salão, pelo caixeiro ou pelo freguez.
Eis companheiros a lamentavel situa-ção a que chegámos !
Não vos parecerá, camaradas, que estais escutando a leitura de um codigo penal ?
E além de tudo ainda ha uma contri-buição diaria para o gerente jogar no bicho.
Falta somente a pena de morte !
R. R. M.

Abaixo a tirania!

Ha muito que anciavamos trazer à publicidade, nas colunas de um jornal genuinamente nosso, um enerjico protesto contra as infames e cobardes in-justias cometidas pelos dirigentes de alguns hotéis e restaurants.
A tirania, cada vez mais iniqua, impé-ra na maioria das cazas do Rio de Ja-neiro, toma um incremento assombroso que chega a revoltar a conciencia mais adormecida e o espirito mais apatico ou pessimista que possa ezistir na nossa classe.
Não temos palavras apropriadas para exteriorizar todo o odio e insaciavel sé-de de vingança que germina nos nossos corações contra o vil traidor que está di-rigindo o serviço de salão no Restaurant Assyrio; queremos nos referir a um tal Lorenzo Olivera. Esse individuo de ha muito que se celebrou no seio da nossa classe pelos seus feitos.
Poderemos porventura deixar passar em silencio as inqualificaveis prepoten-cias dessa triste caricatura de tirano, sem faltar indignamente aos compromissos que voluntariamente assumimos com a classe, ao tomarmos o encargo de publi-car este periodico ?
Positivamente não ! Isto não estaria na nossa invariavel norma de proceder.
E é por isto que hoje pegamos na pena para, a guiza de rélho, fustigarmos sem dó esse tipo que atormenta um pu-nhado de bons e honrados companheiros nossos com os suas insuportaveis atri-veimentos.
"Despedir com a pécha de ladrão, sendo um honrado trabalhador e, para cumulo, esbofetel-o e entregal-o à policia !"
Eis o método de "regulamentação de serviço" e os principios de moralidade dezechilvidas pelo réi dos *maîtres d'hôtel*.
Foi preciso que esse tipo réles viesse empregar a sua atividade ao serviço dos hoteleiros do Rio para estabelecer certos processos de direção que atentam prof-undamente contra os nossos direitos de homens.
Mas afinal porque procede assim com tanta desfaçate ?
Em que se fiará ele para abuzar com tanto descaro de uma classe tão numero-za como a nossa ?
E' que ele sabe que no nosso meio desgraçadamente triunfa ainda o egoi-smo individual a tal extremo que nos leva à desorganização em que nos encon-tramos. Vendo-nos, naturalmente, dezo-riantados, sem um ideal que nos congre-gue em volta de uma bandeira unica, que represente os nossos interesses cole-tivos, não trepida em levar a sua prepo-tencia ao atrevimento das ofensas fi-zicas.
Eis aí o fim doloroso e aviltante do nosso criminozo indiferentismo !
Assistir impassiveis o dezenrolar des-se drama indigno para trabalhadores concientes dos seus direitos e deveres !
Em nossa presença acuzar calunioza-mente de ladrão a um companheiro en-canecido no serviço, e chefe de familia, e a tudo assistirmos indiferentes, sem que tenhamos a coragem e a altivez de no mesmo momento vingar a afronta lan-çada à nossa face sobre uma classe in-teira !

Esse tal Lorenzo, chegando aqui, de S. Paulo, (não sabemos se fugido da policia), após uma malograda tentativa de suicidio, entrou no exercicio das suas funções de *maitre d'hôtel*, nesta capital, começando desde logo a pôr "as mangas de fóra" na pratica continua de violen-cia sobre violencia contra a classe cai-xeirral.
A vida desse individuo como gerente é a mais nojenta que se pode conhecer, pois que ele só foi guindado a esse posto de mando pelos seus habitos de bajula-dor incorrijiveis.
Entrou para o antigo *High life Club* como gerente.
Necessitando impôr-se á consideração do proprietario do estabelecimento, o sr. Paschoal Segreto, e não tendo ou-tros predicados para captar as boas gra-ças desse sr., sinão pela mais vil baju-lação, começou por diminuir os ordena-dos dos caixeiros, sob o irrizzorio funda-mento de estarem dando um prejuizo fenomenal ao proprietario do Club...
Daí por diante continuou ele cometen-do toda a classe de injustias, sem olhar as consequencias funestas que inevita-mente adviriam do seu procedimento desleal e incorreto, tanto que, com esse mal que cauza aos demais conse-guisse, o elmejado ezito na sua carreira.
Entretanto, feliz na sua empreza de-zabuzada, trilhou o caminho da sua per-versidade, com tanta felicidade que até hoje não encontrou na sua carreira a ma-nifestação perene do menor gesto justi-ceiro que o fizesse enveredar pelo camin-ho da justiça e do direito.
Como gerente que é atualmente no Palace Club, não só continuou a pôr em pratica as mesmas medidas economicas em favor dos proprietarios, como che-gou até a esbofetear um companheiro de nome Firmino, com certeza por des-cuido no cumprimento das ordens severas que haviam sido emanadas desse tipo autoritario.
Tendo tido a felicidade de *criar nome*, tornando-se conhecido como competente na profissão que ezerce, e tendo ainda a recomendar-lhe além dos seus profun-dos conhecimentos financeiros a sua falta de carater, não lhe têm faltado cazas para trabalhar e onde possa dar largas ao seu espirito atrabiliario e prepo-tente.
Hoje essa odioza criatura, que triunfa sempre nos seus planos maquiavelicos, encontra-se na direção do Assyrio e já para não perder o habito, tem praticado todas as suas costumeiras canalhices.
Ai nesse estabelecimento, porém, as injustias as perseguções e as vinganças têm sido tantas e tão grandes que por dignidade não devemos mais tolerar o de-zempenho de cargos tão elevados por esse tipo lombrozo. A ele devemos o progresso de hoje em dia trabalharmos sem ordenado nos principaes clubs da cidade. E' ele o responsavel principal de haver individuos capazes de mandar tra-balhar um caixeiro de *snook* ou cazaca por \$5000, isto é, cinco mil réis, sem ter dia determinado para recebê-los. E' ele, enfim, o causador da ingnominoza in-justia praticada contra um nosso com-panheiro : esbofetel-o e para cumulo entregal-o ás garras da policia !
Que fazer diante de tanta ignominia ?
Companheiros, que como nós sofreis toda classe de perseguções e atribula-ções, não sentis as vossas aspirações ani-madas por um halito de rebeldia, envere-dando pelo caminho da justiça, recla-mando vingança contra um patife de tão pequena estatura moral ?
Ninguém melhor do que nós poderá anular o prestijio profissional e admi-nistrativo desse tipo indigno de ser ho-mem e de conviver no meio de trabalha-dores honrados.
As nossas aspirações e os nossos in-teresses são comuns e portanto devemos estar alerta na salva guarda dos nossos direitos individuais, quando virmos feridos os de um nosso companheiro.
Congreguemo-nos todos em volta de um ideal comum, procuremos unificar as nossas forças dispersas e depois, com-penetrados dos nossos direitos, ergamos um grito vibrante de justiça, fazendo os tiranos prestar contas dos seus crimes num tribunal de justiça popular.
Ficará impune mais essa afronta ?
Não terá uma reprovação enerjica no seio da classe este atentado á liberdade e á dignidade individuais. Para nós esta questão é de suma importancia e de maximo interesse.
Devemos dar uma lição ezemplar e decidida aos autores de semelhante aten-tado ao direito das gentes.
Odio e vingança que brotem dos nos-sos peitos escarnecidos contra a tirania imperante !



Resposta a um crítico

A propósito da publicação deste artigo no primeiro numero de "O Cosmopolita", recebemos a seguinte carta:

"Aos companheiros da redação de O Cosmopolita:

Sob o titulo "Resposta a um crítico" foi publicado neste jornal um artigo combatendo as ironias do dr. Azurém Furtado, inseridas em dois jornais burzueses. O referido artigo era uma resposta fundamentada ás asserções do citado doutor. Entretanto, permiti que, á sua margem rabisque o sinatório destas linhas algumas considerações mais, pois que o assunto é vasto e bem as comporta.

Nós, empregados em hotéis, não devemos consentir que se continue a fazer uma ideia tão errônea da nossa educação profissional e social. Revolta os nervos o artigo do dr. Azurém, quando ele diz que "é uma verdade já muito sedida o se atribuir principalmente á inferioridade do pessoal subalterno que serve nesse genero de industria (hotéis) aqui no Brazil, a cauza primacial de todas as queixas levantadas contra a administração dos nossos hotéis."

Si o dr. Azurém conhecesse, como nós os hotéis do Rio, encontraria muitos deles, cujos donos nunca souberam o que é ser empregado em hotel, nunca tiveram a minima noção desse serviço, e daí a falta de pratica ezjida de patrões, para ter a competencia necessaria para dirigir estabelecimentos desse genero e escolher pessoal com as habilitações precisas. Daí o serviço mal dirigido, aparecem as queixas dos clientes contra os empregados, aos patrões, e estes, pela sua "miopia" no serviço, começam a dizer aos clientes que os empregados são todos máus.

Vê-se todos os dias desempregarem-se "garçons" de reconhecida competencia profissional e educação social, cujos patrões dizem que eles são grosseiros, que não sabem trabalhar, etc., etc.

Si o dr. Azurém, ou outro qualquer critico, quizesse dar-se ao incomodo de verificar quantos "garçons" foram admitidos no Hotel Vitoria, desde a sua abertura, encontraria nos livros destinados a esse fim, uma média anual de 50 empregados. Isto é a expressão da verdade, e assim como esta, muitas outras que não vale a pena citar.

Mas daí se desprende que os patrões ainda esperam empregados que lhe sirvam a contento. Não os encontrarão nunca, nem mesmo que os mande vir da Suissa ou da França porque o defeito não é dos empregados, mas sim dos patrões.

Sei que alguns camaradas nossos ha que, sem a pratica necessaria, se apresentam nas cazas de 1ª ordem para trabalhar; os patrões os admitem sabendo-os assim; depois as consequências aparecem, inevitáveis. De quem a culpa? Nossa talvez? Cremos que não.

Existem bons "garçons" dezocupados porque reconhecendo a sua propria competencia ezijem dos patrões os seus direitos; no entanto muitos patrões não os querem, porque deejam ter em caza empregados que não reclamam, "garçons" que se sujeitem a mesquinho ordenado, que lavem as escarradeiras, as sentinas, a caza, etc., etc. e que entrem ás 6 para sair ás 22 horas.

O que nós precisamos, doutor, é sanar esta situação, não nos deixando arrastar por essa exploração fazendo-lhes sentir que temos igual direito á vida, mostrando-lhes que sabemos melhor cumprir os nossos deveres como empregados, que eles os seus compromissos como patrões.

O "garçon" que estas linhas vem trazendo vem empregado a atividade profissional ha 22 anos nesta capital e Estados, não tendo até hoje merecido a mais leve censura por parte dos clientes por falta de compostura ou educação para com os mesmos.

Entretanto não é raro encontrarem-se clientes, que atacados de nervosismo, entendem que o empregado é algum imbecil, a quem ele póde dirigir as grosserias que muito bem entender. O respeito deve ser reciproco.

Não cursei escolas profissionais e muito menos científicas; o pouco que sei, adquiri-o dia a dia, no duro ganhão.

Temos aqui no Rio muitos companheiros aptos para ocupar um logar no futuro Hotel Guinle, "garçons" ou artistas culinarios; o que não teremos é a felicidade de que o futuro proprietario desse grande, luxuoso e ultra-moderno hotel seja um profissional do ramo de industria a que agora se entrega com a mira em gordos proventos.

B. F. G.

O. R. M.

Hotel dos Estrangeiros

São de lamentar as queixas que constantemente chegam ao nosso conhecimento contra a falta de consideração de que são alvo os nossos colegas de trabalho; queixas essas dirigidas, aliás, contra as melhores cazas desta capital e portanto as que menos prezam sacrificar o seu pessoal.

Entre ellas destaca-se a que nos serve de epigrafe a estas linhas. Ali se obriga os garçons a raspar os bigodes, para di-

minuir aos que a isto se recusam, 20\$ no mizerio ordenado, e a pretexto de crise. No entanto os seus proprietarios gastam contos de réis na orjia dos cabarets noturnos.

Mas o peor de tudo é que nem ao menos as refeições merecem este nome. Um picadinho e arroz de infima qualidade, eis a que se reñuz as refeições aos empregados, sem direito á bebida o que é de uzo em todas as cazas. Si algum deles pedir um outro prato qualquer, porque o estomago á força de tragar aquilo todos os dias, já não suporta—tem que o pagar por preços previamente estipulados mente descontados, no fim do mez, do mesquinho ordenado que percebem!

Essas refeições, bem mais proprias para suínos e não para gente, são servidas em cima de uma grande meza de marmore, sem toalha e cheia de moscas, exposta á chuva ou ao sol, coberta de expressa camadas de poeira.

Disto não é unicamente culpado o proprietario. Igualmente responsavel por todas estas infâmias que aqui vimos relatando sem nenhum ezajero, é o incompetente *maitre d'hotel*, Emilio Vasquez, o qual se presta aos mais torpes papeis, murmurando baixezas com as gerentes e com o proprietario, já deslembado das agruras do teu tempo de *garçon*, que o seria ainda hoje, si porventura um movimento enerjico da classe, de que fomos impulsioneiros, o não tivesse, em tempos que não vão lonje, em má hora alveado ao posto onde atualmente se encontra cometendo tanta indignidade.

Hoje reconhecemos todo o alcance do nosso erro em fazer depositario da nossa confiança quem pelo seu passado não devia ser considerado sino como um réis traidor ás nossas aspirações a melhores condições de vida.

Mas esse fragmento serve apenas para avizar a esse vilão de que não está muito lonje talvez o seu descomonamento, e que, cá em baixo, havemos de vel-o de andar tropeço e orelhas abaixadas.

Emquanto isso não se der que nos aguarde nestas colunas, pois aqui estaremos vivazes e terríveis.

G. C.

Pauladas e pedradas

Eram nove horas da noite, quando terminámos os nossos afazerer na redação de O Cosmopolita.

Entretidos com os trabalhos do nosso jornal não havíamos notado que a noite estava chuvoza, quando um dos companheiros que deciam a escada, aproximando-se do humbral da porta central, exclama zombeteiramente: "O porteiro lá de cima está a nos atrapalhar com a chuva!"

Temendo uma molhadela, emprehendendo uma viagem a pé através as ruas encharcadas da cidade, em direção ao nosso destino, tomámos um bond linha S. Francisco. O bond corre a nove pontos na sua direção, percorrendo rapidamente as ruas do seu itinerario, e em breve eis-nos no Largo de S. Francisco. Decemos e entrámos na rua dos Andradas, em direção á casa do nosso amigo e companheiro X.

Ai estavam calmamente saboreando umas chicharas de café, quando notámos que uma voz afeminada chamava com insistencia o guarda noturno. Um companheiro nosso, por méra curiosidade, levantou-se afim de verificar a procedencia daquela afeminada voz que com tanta anciedade chamara o guarda. O espetáculo que então prezenciou encheu-o de estupefação!

Narremol-o: O guarda noturno da zona. (nosso amigo, naturalmente) estava lendo O Cosmopolita, com a maior atenção, á luz de um combustor da iluminação publica, quando um tipo de mediana estatura, em trajes menores, que, por indagações que fizemos mais tarde, soubemos chamar-se Faria, sai apressado de uma caza suspeita, nas cercanias, a gritar e a pedir instantemente ao guarda que lhe cedesse O Cosmopolita!

Para melhor nos inteirmos dos acontecimentos chamámos o guarda e perguntámos-lhe: porque diabo aquele *menino bonito* faz tanta questão de ler O Cosmopolita, a estas horas? — Honnossa! — respondeu-nos o guarda. Então os senhores não sabem qual o motivo? E' pelo fato de ser membro zijil da Associação Benefica e supór que lhe andem na pele...

O' com seiscentos mil diabos! Porque não manda esse *menino bonito* á redação do Cosmopolita para ser satisfeita a sua anciedade?!

Despedindo-me da classe

Talvez a maioria dos companheiros a que me diriji neste momento, desconhecem a minha atuação no seio da coletivista, na vanguarda das forças orgabranantes protestos contra a exploração cáddade da qual fiz parte durante muito tempo. Fui um rebelde, que desfiliei anonimo no batalhão dos revolucionarios que punindo pelos direitos do proletariado se destacam sempre pelos seus viziadas que lutam pelo advento de uma sociedade mais ampla e mais equitativa

do que esta miseravel e corruta em que vivemos.

Deixo-vos, camaradas, no vosso posto de combate, forçado por questões de força maior. Mas, jamais me esqueceréi dos momentos felizes que passei no vosso meio, nos momentos mais historicos que tem atravessado a nossa classe.

Aumento-me do vosso méio mas segundo *pari-passu* com o maximo interesse os vossos movimentos em prol da emancipação social do proletariado.

Continuarei sendo o mesmo entuziasta da grande cauza que defendeis com altivez e corajem, e se algum dia, necessario fór formar de novo ao vosso lado promtificar-me-ei a fazel-o com o mesmo ardor e dezassombro como já tenho feito.

De vós me despeço grato, com involvidaveis recordações.

Vosso e da cauza,

Manuel da Silva Arriaga.

A nossa hora hade chegar!

Narra a historia que outr'ora os sanitas, um dos muitos povos em que se subdividia a peninsula italiana, inimigos fidalgais dos romanos, vencedores numa guerra que com estes travaram, levantaram no proprio campo de batalha, em Caudio, uma enorme foreca por onde fizeram passar o ezereito venecido, em sinal de submissão. Daí a frase: "passar pelas forças caudinas", em alusão áquelle feito historico.

A' semelhança dos romanos, os ideais internacionalistas passam nesta hora pelas "forças caudinas" da reação.

Ha dois annos que nos campos da velha Europa, outr'ora ezuberante de vida, numá luta fratricida se batem varios milhões de trabalhadores, arrancados ao labor feecundo da officina, da miná, da fabrica ou á cultura da terra, para a defeza dos mais sórdidos interesses capitalistas.

Com campanudas e retumbantes declarações e afirmações de defeza de honras nacionais, liberdades, civilizações e culturas conseguiram obumbrar na mente dos povos os mais belos e generosos sentimentos de fraternização, para dar logar ao surto de baixas paixões, ao dezeneadamento de odios torvos e mesquinhos, ao despertar de velhos ressentimentos porventura já varridos da conciencia roletaria pelo intenso labor dos mais ardentes internacionalistas.

A imprensa burqueza, a impudica rameira, como sempre ao serviço dos tubarões da finança, dos ambiciosos de glorias militares, das forças fornecedoras de todos os chaecais, emfim, que se aproveitam desses transe sombrios da humanidade para saciar os seus appetes carniceiros, tornou-se o porta-vóz das mais cínicas mentiras.

Em nome de uma pretendida defeza da liberdade, começou por suprimir as mais caras liberdades humanas, conquista laboriosa e por vezes saugrantes de muitas gerações.

Nos países em guerra só as forças reacionarias fêem o direito de alçar a voz; a palavra da razão e da verdade é estrangulada na garganta dos poucos abnegados que ainda ousam manter inabalaveis e integros os principios de que se tornaram denodados e sinecos campeões, e que, quizes verdadeiras robes, resistem impávidos o vendaval da loucura guerreira!

Mas, a nossa hora ha-de chegar! Nós esperamos que uma transformação se opere na conciencia dos povos em guerra, tão duramente ludibriados, e que em breve se apercebam do embuste em que foram miseravelmente lançados.

Que saibamos tirar desta hecatombe guerreira, sem par na historia da humanidade, os ensinamentos que dela decorrem...

Analizemos os fatores determinantes desse crime hecatombe, e tomemos contas severas aos seus responsáveis.

Eliminemos da superficie da terra esses fatores: rejimem capitalista, baseado na propriedade privada, governos, fronteiras. Transformemos a humanidade numá universal familia, que todos os seus membros tenham um logar á meza do colossal banqueto da vida, entendendo-se pela harmonia de interesses, pelo livre accordo: o *homem livre sobre a terra livre!*

O tempo de guerra — disse-o ha pouco o socialista inglez, Ramsay M. Donay, — não é propicio a politica de ideias. Então a maioria apinha-se a ouvir e aplaudir a muzica dumá banda com pauperaria e desconfia extremamente das ezquixitas e ricas notas e palliadas.

Nós esperamos e trabalhamos como tem que fazer todas as minorias.

CELSO GARCIA.

Os empregados de hotéis que trabalham á noite pensam em greve

ELES IGNORAM O QUE SEJA UMA FOLGA

Com os *alarmantes* titulos que encabeçam estas linhas publicou ha dias o *joven rotativo* "A Lanterna" uma interessante e rapida reportagem sobre o serviço noturno dos hotéis do Rio, a que não podemos rezistir ao dezejo de reprodur nas nossas colunas.

Podavia mantemos as nossas duvidas sobre si não terá laborado num lamentavel equívoco o redator da "Lanterna". A entrevista que adiante transcrevemos teria sido mesmo com empregados aqui do Rio, ou seriam eles da China ou do Liliput?

Sim, porque os nossos companheiros aqui do Rio, vivem no melhor dos mundos: belos salarios, poucas horas de trabalho, descanso semanal, etc. etc.

Si non è vero...

Pelo corredor silencioso, forrado com um tapete vermelho e estreito, o *valete de chambre* nos guia para o quarto que acabamos de alugar, um hotel de viajantes do centro da cidade.

Ao entrarmos no quarto, o creado nos mostra o apozento com um gesto vago e nos diz o que já sabemos: "se precizar-mos de alguma coisa é só tocar na sineta".

Mas não o deixámos partir. O seu ar morozo e fatigado intriga-nos. Perguntámos-lhes, adivinhando vagamente as cazas do seu tédio:

— Muito trabalho, hein?

O famulo responde:

— Sim, muito trabalho... muito trabalho e pouco dinheiro...

Então, para pol-o á vontade, declinámos a nossa qualidade de jornalista e pedimos-lhe alguns esclarecimentos.

— Os esclarecimentos são simples. Lavra entre todos os empregados de hotéis que trabalham á noite um descontentamento geral. Elles trabalham, sem rezezar, a noite inteira e sem ter ao menos uma vez por mez, uma pequena folga.

Ora, nós debalde temos reclamado dos nossos patrões.

Ha não muito tempo, reunimo-nos em comissão, os representantes dos empregados que trabalham á noite nos hotéis e fomos incorporados aos chefes dos principais hotéis do Rio, pedindo em nome da classe que nos fosse concedida uma noite de repouzo todos os quinze dias. Como nos recusassem, pedimos uma folga por mez. Ainda desta vez fomos batidos.

— Por que não se declararam em greve? — perguntámos injerunamente.

O garçon deu um muchocho e alçou os hombros. Seriam jogados na rua. Ainda mais: poderiam contar com a solidariedade de todos, numa cizão que acarrretava tão graves consequências?

— Os patrões não sabem o que é ficar 365 noites trabalhando sem descanso — concluiu o garçon que nos falava. Si o Sr. si dér ao trabalho de observar um hotel, a partir de dez horas da noite ver-se-á como todos os seus guardas estão num estado de lamentavel cansaço...

Quando ficámos sós, pensamos no que víramos desde que penetramos no *hall* do hotel em que estávamos. A' porta, o porteiro, d'olhos fechados, mal respondera ao nosso "boa noite". Na gerencia, o encarrregado do aluguel dos quartos repouzava a cabeça entre as mãos, em atitude enjoada. O rapaz do elevador bocejava com enfado, tendo as forças ezaujadas para manejar as manivelas do ascensor. Em cima, o garçon estava naquelle estado em que se nos apresentára. E em todos os andares ia o mesmo cansaço, a mesma sonolenia.

E, no entanto, eles pedem pouco. Uma noite de repouzo todos os quinze dias...

As cozinhas dos trens da Central

Já trabalharam nos vagon restaurantes da Estrada de Ferro Central do Brasil?

Pois aconselho-lhes que não trabalhem, sob pena de morrerem de fome, pois é melhor estar no inferno em vida ou ficar debaixo do bond a ter infelicidade de trabalhar nesses infernos que são as cozinhas desses carros.

A exploração dos proprietarios da empresa arrendataria desse serviço merecia a detenção para toda a vida, se porventura a lei fosse feita para proteger a todos indistintamente e não apenas a quem tem o capital.

Parece impossivel que ainda haja trabalhadores que se sujeitem a uma exploração como a que os concessionarios dos serviços de carros-restaurants estão exercendo sobre os seus empregados de cozinha, a qual ultrapassa as raias de tudo o que aqui se tem visto no nosso ramo de trabalho. Quanto a nós continuamos a ter o mesmo pensar de ha annos passados: a alma, o coração dos patrões está dentro de suas burras, nos seus interesses pecuniarios.

E' pois aí, onde devemos ferir-o.

O contrato que eles têm com a Estrada dispõe para a falta de uma refeição a multa de 500\$ ou 5.000\$, não sei ao certo, mas existe alguma coisa nesse sentido, e para individuos da especie desses empregados todas as armas são boas. Amor, com amor se paga... O pessoal de cozinha tem, pois, uma arma para se defender da exploração ganancioza e terrivel do Sr. Cardozo "et-reliqua" e verá, assim que a ponham em pratica, cessar os abusos de que são victimas...

Não mais sacrificarão a sua saúde, a sua vida em beneficio dos patrões e atualmente.

Nós sabemos que são dois individuos que alli trabalham os principais promotores das irregularidades que se passam nas cozinhas dos vagon restaurants. Mas esses infelizes terão em breve o merecido correctivo por parte dos seus companheiros, no desprezo com que serão tratados, porque eles não háo de trabalhar eternamente nesse logar. Entretanto si tivesse um pouco de senso comum, eles veriam que se estão arruinando para sempre, impossibilitando-se de poder ganhar um pedaço de pão para seus filhos, quando sairem dos trens.

Desenganei-vos, trabalhadores! sem violencia nada se consegue, as boas palavras só servem para perpetuar a vossa escravidão.

Pois é lá possivel viajar daqui a Minas, dentro de cubienlos, como são as cozinhas dos carros-restaurants? E tudo isto para fazer júis ao mesquinho ordenado de 150\$, obrigados a trabalhar desde as 4 horas ás 7 da noite! E ainda assim suprimiram duas garrafas de cerveja a que tinham direito. A tudo isto se submettem, sem protesto, invocando para justificar esse sacrificio da sua dignidade sem um ato de revolta, a "necessidade do ganha pão".

Pensem, entretanto, que nem sempre ali estarão e que ao voltarem para o seio da classe terão que soffrer a repulsa unanime dos companheiros e então de nada lhes valerá o terem-se sujeitados ás imposições vexames e explozrados do Sr. Cardozo & Comp., porque estes seghores mais tarde não os reconhecerão mais.

Legnar.

A dedicação

Para nos dedicarmos a desenvolver pensamento, e exteriorizal-o em letra de forma, necessario nos é possuir um espirito fino e concretizador, auxiliado por uma inteliencia robustecida, para dar assim um sentido nitido ás ideias que expomos como si nele estivéssemos a nossa personalidade, o nosso modo de ser, tendo sempre o fito do belo, do bom do humano no sentido do tema que se pretende defender, nunca pondo de parte o sentimento moderno, que aparecerá na colaboração como um iman que atrá á fraternização de todas as raças, tendo por objeto interessar aos leitores produzindo-lhes nos pensamentos uma impressão tal que se lhe afigure que estão prezenciando a ação que têm, como si fóra um fato real.

Diritozo o talento que alcançar uma epoeia, como a alcançada pelo illustre Pedro Gori, defendendo no tribunal de Genova 36 anarquistas, entre operarios, artistas e estudantes, acusados do crime de "associação para delinquir", em virtude de professar principios anarquistas-comunistas.

Em um trecho da sua brilhante defeza expressa-se de uma forma, com a qual alcançou uma admiração profunda, estabelecendo os assistentes daquele júri ao ponto de ovacional-o, sujestionados com a sua arrebatadora eloquencia, vindo nele o pro homem salvador da lojica e da razão. Foram estas as suas palavras: "certamente que uma cadeia invisível e ideal unia seus espiritos sonhadores e de uma era luminosa de paz e de justiça; e despertaram do seu bellissimo sonho encontrando-se amontoados como feras perigozas entre os ferros daquela jaula que os encerrava".

"Ha! nobres malfeitores! Eu vos saúdo de novo e de novo vos manifésto quanta honra tenho em defender, desta alta e solene tribuna, as ideias que me unem a mim, homem livre a vós prisioneiros!"

"Si estas ideias são um crime encarcerai-me a mim tambem e ajuntai-me com estes homens!"

Pensai e escrevei, vós que enfrentais a tarefa da libertação humana, que si tal ezito alcançardes terás ganho a imortalidade!

E será assim que arquitetarás o rejimem comunista, um rejimem que vos dará o bem estar dentro da armonia de interesses, com iguais direitos uns perante os outros, um rejimem onde o joven apaixonado possa livremente professar um amor franco e leal, entremado de caricias á aspirada amante, e que isto somente satisfaça o seu premio de amor, igual áquelle que Pascal... descreve nas estrelas cadentes.

Uma sociedade que permita o desenvolvimento de uma vida mais ampla, mais equitativa e de amor ao proximo, guiando-nos uma lei natural de relativa igualdadade, sem restrições nem oppressões de especie alguma.

Que preço tem a vida para os desherdados da fortuna, nesta epoca sinistra em que lutamos com a falta de recursos para a subsistencia, e em que somos condenados a suportar o jugo dos potentados?

Os socialistas revolucionarios, combatendo a burguezia exploradora, não só atribuem a ella a cauza dos erros sociais, porque eles bem sabem que a pobreza fisiologica e intelectual das classes trabalhadoras obedece a um cem numero de cazas que converte uns em explorados e outros em exploradores.

Mas os militantes da questão social erguer-se-ão, lançando o grito de alerta para o porvir, não se importando com as consequências que lhes possam sobrevir. Que lhes importa a vida quando a evolução de seu espirito já alcançou a méta almejada, si o ideal os incita a dezejarem o momento em que a livre essencia evadida das petadas das rozas retidas a face da terra subirão ás altas esferas e daí se ezalarão sobre as multidoes que fervilham nas grandes cidades.

O que não são da concha como o polipo, e como os seres inferiores da criação: morre sem deixar no mundo uma partícula da alma.

Devemos viver livres sim, mas empregando parte da nossa vida em proveito

dos demais semelhantes, servir á humanidade abstendo-se de recompensa, esta será o bem estar de todos porque si todos viverem melhor também nós viveremos.

De nada servirá a obstinação dos conservadores, pois que, segundo as leis naturais, tudo se transforma.

O tempo destruidor tudo consome, finda uma vida para deixar surgir outras, dá flores ás fruteiras na primavera para que dêem fruto no outono; terminada esta estação caem os frutos para dar lugar á nova produção do proximo ano.

As idades apossam a decadencia das idéas de acordo com o principio das transformações e permitem o surto de outras mais uteis á existencia humana; uma constante evolução deixa-nos do passado apenas uma vaga lembrança, á semelhança os degraus de uma escada que nos eleva bem alto a colocar as letras de um ideal que professamos, ideal que será um fato mas que não nos aproveitará porque, ao surgir para a existencia real, já não viveremos.

Si os soldados se deixam levar para a guerra guiados pelo safisma patriótico e ali suportam e sofrem as maiores agruras, defendendo interesse que não são os seus, mais razão temos nós para sacrificarmos a vida, si tanto for preciso, auxiliando o triunfo da ideia e redimindo o universo do fumo da metralha.

G. Costal.

SELETA

A ignorancia, muito mais que o saber, produz a affirmação. Sempre são os que sabem menos e não os que sabem mais, que affirmam resolutamente que tal ou qual problema é insolúvel para a creencia.

DARWIN.

Como pensar que as idéas religiosas são essencialmente moralizadoras si a gente vê que a historia dos povos cristãos é tecida de guerra, de massacres, de supricios?

Anatole France.

O Estado tem uma longa historia toda de assassinato e de sangue. Todos os crimes praticados no mundo: os morticínios ás guerras, as faltas a fé jurada, as fúrias, as torturas, tudo foi justificado pelo interesse do Estado, pela razão de Estado. O Estado tem uma longa historia. Toda ela é de sangue.

Clemenceau.

Só quando é senhor de si mesmo é que um homem pôde ser verdadeiramente moral.

EISEU RECLUS.

A violencia e o poder

Não me trates de irreverente: dá-me o braço: sou teu inseparavel companheiro.

Um homem manchado de lagrimas e de sangue, armado com um machado, entrou na sala do palacio, cravou o machado num dos degraus do trono e sentou-se junto do rei. — Vilão! gritou o monarca. Como te atreves a cometer uma irreverencia tal? Vens manchado de sangue: tu praticaste algum crime.

— Sei quem és, respondeu o vilão, e sei também que a mim o deves. Sem tí, poderia eu viver: tu, sem mim, não. Os meus crimes são os teus. O sangue que me mancha, manchou-te antes.

— Quem és? — Sou a violencia, sou o verdugo.

— Não te quero a meu lado. Cumpre a tua missão onde não fira o meu olfato o cheiro do sangue das tuas victimas.

— Esse trono é tão meu como teu: não me vou.

— Suprimirei em meus Estados a pena de morte.

— Não importa. Ver-me-ás junto a teus soldados. Vais deixar acazo de lhes ordenar que disparem contra o povo quando entre em teu palacio e te depunha?

— Mandarei que prendam os revoltosos, respeitando-lhes a vida.

— E depois? Não deixarei de ser o mesmo. Serei eu quem lhes ha de pôr os grilhões e atar as cadeias; serei eu quem os ha de encerrar em calabouços e vijiar das grades; serei eu quem lhes ha de servir o rancho e os ha de ver morrer lentamente, maldizendo-nos a ti e a mim, tal como morrem hoje um pouco mais depressa.

— Suprimirei os cárceres, só para não te ver.

— Não desvaries. Contempla, da tua janela, o povo amotinado: chama-te e pede a tua cabeça.

— Tens razão, meu amigo. Embora estejas manchado de lagrimas e de sangue, dá-me o braço.

— Não te dizia eu? Não pôdes tratar-me de irreverente. Sou teu inseparavel companheiro.

Francisco Py Arsuaga.

Pelos restaurants (Alfinetadas)

Chamamos a atenção da clientela do Restaurant Sul America, afim de se inteirarem da invenção genial de propriedade do Sr. Fontainhas, socio desse restaurant.

E' digna de toda a consideração a invenção do competente "culinario", a qual certamente satisfará o mais esquisito dos freguezes.

Querem os muitos dignos frequentadores do "chic" restaurant saber qual a invenção do Sr. Fontainhas? Um recheio de ultima hora: pão assado com guarda-napos.

Deve ser agradável, não é verdade?

ROTISSERIE RIO BRANCO

(As ervilhas e o irmão do Sr. Hermida) — Chefe, as ervilhas já se acabaram?

— Sim senhor.

— Pois olhe meu caro, eu comprei as ervilhas para os freguezes e não para o "picadinho" dos meus colegas caixeiros... Para eles eu já lhe disse como é o negocio; bofes de boi e picadinho cozido com agua e sal, isto é rancho de soldado velho.

— Olhe, amiguinho chefinho, eu já ascendi de soldado razo, não é verdade? E, além disso sou irmão do Dégas, o "Hermidinha" garante a zona. Depois de tudo isso, nós somos amiguinhos velhos, não é chefinho?!

X.

Lérias e Trêtas

O patrão deu-me uma folga inesperadamente. Aproveitei-a indo á redação de "O Cosmopolita", onde só encontrei o continuo que logo "derrapou" para tomar café, deixando-me só. Nisto o telefone toca insistentemente. Fui atendê-lo, leve o fone ao ouvido: "Pronto!!

E uma voz de homem, sem mais formalidade pergunta: "Como vai você?"

— Bem, felizmente — disse eu — e o "gajo" continuava:

— Então você está bem disposto para a "sessão" de sexta-feira?

— Como sexta-feira! Ivessemos renhidas eleições no Centro Cosmopolita, e estando eu empenhado nas mesmas, respondi-lhe:

— Estamos todos a postos!

— Pois bem — continuava ele — eu descobri um meio que fatalmente nos garantirá a vitória: Oiga lá: eles sempre nos atrapalham, desenvolvendo uma "retorica", baseada na lojica de principios seguidos por homens que estudaram a fundo a vida dos trabalhadores, com todas as oppressões que os esmagam e suas necessidades. Ora, nós temos a vantagem de falar pessoalmente a esses espiritos, dos quaes eles só podem consultar a obra deixada na terra.

Neste ponto, percebendo que o "manáta" estava evidentemente enganado perguntei-lhe:

— Mas como é isso? (porque francamente não estava com calças pardas, reparei bem, e eram pretas).

— Muito facil — continuava o homem — Nós, na sexta-feira, chamaremos os espiritos de Anselmo Lorenzo, Ferrer, Reclus, Bakounin e outros, e eles nos elucidarão para que possamos lutar com esse grupo que em todo o nosso trajeto põe barreiras intransponiveis. E si com estes não conseguirmos, temos ainda outro recurso, porêmos em pratica a parte mais "cientifica" da nossa seita; chamaremos os vivos, Malatesta, Faure, Kropotkine, Mella etc., etc.

Agora já eu ia percebendo alguma coisa. O homem era espirita.

Então perguntei-lhe si não haveria inconveniente em chamar os vivos.

— Não. Nós temos toda a facilidade. Abrimos a sessão ás 20 horas, preparemos as "mediuns", e enviamos os espiritos protetores para ver si aqueles irmãos estão em condições de serem chamados; acredito que estejam, pois sendo aqui 21 horas, isto é, uma hora depois da sessão preparatoria, são na Russia, aonde devemos chamar Kropotkine, 1 hora e 58 minutos. A seguir chamaremos Malato, que, aapezar de haver nascido na Italia, habita em Londres onde são 23 horas e 53 m. Segue-se Sebastião Faure, que é francez, e na Franca são 24 e 2 minutos... e, por fim, R. Mella que é hespanhol e são em Hespanha 23 h. e 38 minutos. Este fica para o fim, porque sendo ainda muito cedo, não estará ainda entregue a Morfeu.

E' este o meio mais viavel que temos a adoptar e que eles jamais serão capazes de combater.

— Acha então você que tudo isso se fará com facilidade?

— "O' xacho"!

— E sabes com segurança que esse dezencontro de horas é mesmo como estás dizendo?

— "O' s'e!" eu estou ao par de tudo. Ensinou-me um amigo meu.

— Pois bem, basta de trêtas, sabes com quem falas?!

Ora essa... Deixe de lérias! pois então eu não estou falando com o Restaurant x x x e não é o X que está ao aparelho!

— Não! Aqui é a redação de "O Cosmopolita"!

— O' diacho! Então entornei o caldo!

O homem já apelava para o diabo! E desligou o aparelho. Como eles andam! "Honní soit qui mal y pense"...

Moxila.

Vivendo ás claras

BALANCETE

Movimento geral da receita e despesa do festival realizado em 30 de Setembro, em favor da publicação de "O Cosmopolita"

RECEITA

Table with 2 columns: Description and Amount. Includes items like 'Recebido de 652 ingressos a 2\$000', 'Idem da feria do "boufet"', etc.

DESEZAS

Table with 2 columns: Description and Amount. Includes items like 'Muzica', 'Automovel para a mesma', 'Carrete de estantes', etc.

(Boufet)

Table with 2 columns: Description and Amount. Includes items like 'Pago á Cervejaria Brahma', 'Pago á Cervejaria Hanseatca', etc.

Table with 2 columns: Description and Amount. Includes items like '2 caixeiros', 'Carretos', 'Soma', 'REZUMO', 'Receita', 'Despesa', 'Saldo', 'Importancias a receber', '40 garrafas de cerveja Polonia', '89 ingressos'.

Movimento da receita e despesa do Grupo até á data da sua installação

RECEITA

Table with 2 columns: Description and Amount. Includes items like 'Recebido de aderentes ao Grupo', '30 quotas de admissão, a 5\$', 'Idem de donativos', 'Somma'.

DESEZA

Table with 2 columns: Description and Amount. Includes items like '300 circulares para a reunião de 25 de Junho', '500 enveloppes', '1 bloq de papel', etc.

REZUMO

Table with 2 columns: Description and Amount. Includes items like 'Receita', 'Despesa', 'Saldo', 'Saldo geral, em mãos do contador'.

A ultima palavra sobre vinho quinado é incontestavelmente

o Quinado de Valente Costa & C.

Unico representante: José de Souza de Macedo, Rua do Rozario, 136 (1.º Andar), Rio de Janeiro, Telefone 4194 Norte

RIO DÃO O VINHO DE MEZA PREFERIDO

J. FERREIRA & C.

CERVEJA PARK BIER--Estomacal e nutritiva, PRAÇA TIRADENTES, 27

FABRICA CONFIANÇA DO BRAZIL

De Roupas brancas para homens, Cama e meza, É A QUE VENDE MAIS BARATO E QUE MELHOR SERVE, 87-RUA DA CARIOCA-87 - (Não tem filiais)

JEWSBURY & BROWN'S

Manchester, England, Quinine Tonic, Dry Ginger Ale

Sole Agent: C. N. Lefebvre, Rio de Janeiro

CAFE' E BILHARES PUERTO RICO

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, COMIDAS FRIAS, ETC.

SOUTO & COMP.

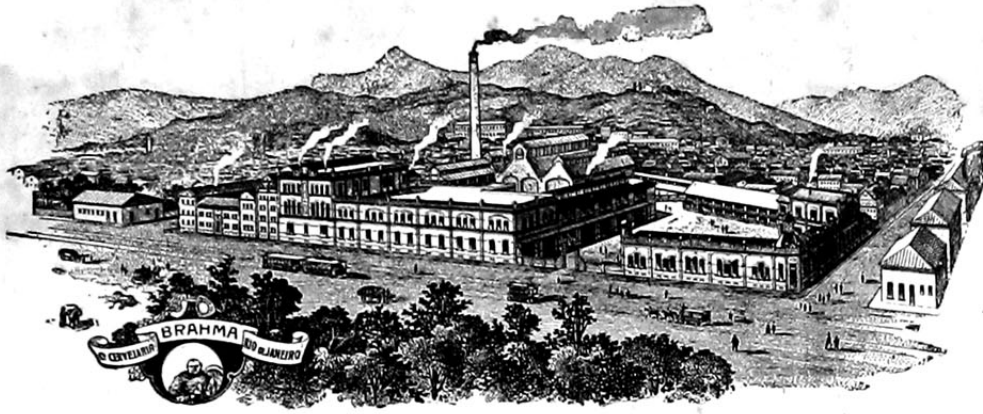
ABERTO ATÉ 1 HORA DA NOITE, RUA D RIACHUELO, 11, TELEFONE 2190 CENTRAL, RIO DE JNER



BEBAM

O MELHOR DO MUNDO

CERVEJARIA BRAHMA



Recomenda as
suas afamadas
marcas:

BRAHMA

BRAHMINA

TEUTONIA

FIDALGA

MALZBIER

BRAHMA PORTER

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

“CAZA RIST”

DEPOZITO EXCLUZIVO DE PRODUTOS NACIONAIS

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77



Telefone 455 - Central

BEBAM

CAXAMBU'

A soberana das aguas de meza.

BEBAM

SALUTARIS

A rainha das
aguas de meza